

A Selva é o livro excepcional, que se escreve uma só vez na existência de um romancista: a narrativa matricial, cântico, elegia, tragédia, diário de suplícios e deslumbramentos.

Urbano Tavares Rodrigues

3

A Selva: o homem entre a força da natureza e a escravidão da borracha

Era a confusão, a loucura – esbracejar de náufragos que não se afaziam à idéia de viver sem a antiga opulência. De nítido ficava apenas o drama obscuro do seringueiro, na selva cúmplice e silente.

Ferreira de Castro

Neste segundo capítulo, nos debruçaremos sobre o romance de Ferreira de Castro que mais fala de sua experiência de imigrante, narrativa ficcional que toca a vida do escritor em vários episódios, deixando reluzir o seu cunho autobiográfico. Entretanto, o romancista não fala apenas de si. O autor português, na adolescência seringueiro, foi o grande responsável por trazer à tona a história dos seringais, mostrando para o mundo que a Amazônia não se constituía apenas pelo exotismo da sua fauna e flora, tão visíveis, para o viajante que a corta de barco. Castro soube revelar que havia uma grande pulsação humana por trás do manto verde, vivendo suas “crônicas” no esquecimento da floresta, servindo ao mundo – dos seus carros aos sapatos – que utilizava da borracha sem se questionar de onde ela viria e de que forma era conseguida. Há um testemunho do crítico estadunidense Charles A. Wagner, quando da publicação em inglês da tradução de *A Selva* (*The Jungle: A tale of the amazon rubber-tappers*), em 1935, que vem corroborar a nossa explanação:

Acabei de ler um livro a noite passada e depois saí de casa para me afastar dele. Mas onde quer que passem as estradas para automóveis, onde quer que uma borracha apague, sei, como sabia a noite passada, que nunca voltarei a sentir-me livre, que nunca serei capaz de esquecer aquele livro. Porque ele conta como a borracha é, na verdade, conseguida.¹

No mesmo artigo do “Daily Mirror”, Wagner tece um comentário que nos dá um maior entendimento sobre o porquê do sucesso internacional de *A Selva*:

¹ Apud BRAZIL, Jaime. *Ferreira de Castro: a obra e o homem*. Lisboa: Editora Arcádia, 1961, p.115.

Assim me enfronhei na Amazônia com este brilhante e jovem estilista português. E achei que o romance de Castro, imensamente autobiográfico e capaz de ser o melhor dos produtos portugueses modernos, começava a entrar-me no fato, na pele, no coração, nos ossos, na medula e na consciência.²

Os leitores acostumados a livros sobre selvas que apresentavam aventuras inverossímeis entravam em contato com uma ficção mergulhada na realidade social brasileira. A narrativa trazia à luz um aspecto que, se não era desconhecido em seu todo, era, talvez, ignorado por muitas pessoas, o sofrimento daqueles que trabalhavam na retirada do látex. Essa característica foi essencialmente nova para quem esperava mais um romance de aventuras.

O depoimento do crítico estadunidense demonstra o poder de evocação e de conscientização que essa ‘nova’ literatura, no que concerne a Portugal, trazia ao leitor do início e meados do século XX. A capacidade de recriação estética da paisagem humana e física da Amazônia, nas páginas de *A Selva*, é o grande trunfo do escritor lusitano, esse trabalho artístico com a linguagem se beneficiou da experiência de Castro, que viveu por alguns anos no coração da floresta e sentiu na própria pele o ‘estar’ dia após dia naquele mundo verde.

Ferreira de Castro como estrangeiro e adolescente se sentiu oprimido pela força da floresta, cujo tamanho não sabia ao certo até onde se estendia, cujas profundidades escondiam animais de várias espécies, sendo algumas desconhecidas e, ainda, os temíveis índios Parintintins – grupo de indígenas que vivia em plena harmonia com a floresta, tão temida pelo imigrante, e tentava proteger seu território matando alguns dos invasores³ – que ameaçavam o imaginário do garoto, vislumbrando a cena em que via sua cabeça sendo cortada na próxima sapopema que o caminho da floresta, recheado por elas, apresentasse;

² Idem.

³ No romance *A Selva* dois seringueiros são mortos, portanto estes trabalhadores que tentavam ganhar o pão da sobrevivência nos acampamentos, mata adentro, figuram como os invasores para os indígenas. Tendo em vista que o dono do seringal estava protegido na sede com seus capangas armados.

índios que, afinal, nunca vira pessoalmente⁴, mas como estrangeiro sentia medo de tudo aquilo e esperava ansioso por sua fuga.

Alberto, protagonista de *A Selva*, possui o mesmo desejo de evasão. É curioso notar que, durante a escrita do romance, a ficção invade a vida do autor e ressuscita o seu antigo desejo – libertar-se do medo que a floresta imprimira em seu espírito:

A vantagem, justamente, de me libertar, por algum tempo, da atmosfera do livro, do passado que ressuscitava e se tornava presente com uma vitalidade angustiada, pois se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente por mim. Tanto, tanto, que, algumas noites, suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criara.⁵

Em seu ensaio “Notas sobre a crítica biográfica”, Eneida Maria de Souza ressalta a importância da crítica biográfica para o estudo da literatura, justamente por ela promover pontos de intersecção entre a obra e a vida do autor⁶. Isto significa dizer que o olhar do pesquisador, interessado em perceber esses pontos, deve ser lançado à busca de outras possibilidades de interpretação que não se atenham apenas à dimensão textual do objeto literário. Que seja um olhar atento para perceber as complexas relações entre escritor, obra e sociedade.

Diante da vivência acumulada em seus anos amazônicos e de uma percepção de mundo baseada no Humanismo – entendido aqui como uma filosofia de vida na qual a dignidade do ser humano ocupa o lugar primordial – em consonância com as ideologias marxista e anarquista, no seu desejo de uma sociedade mais justa e livre de formas de trabalho próximas à escravidão, o autor de *Emigrantes* pôde, agudamente, revelar muito mais que a beleza tropical da floresta brasileira, ele pôs em evidência o homem amazônico (nordestinos,

⁴ Ver EMERY, Bernard. *O INDIO IMAGINARIO NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO*. <<http://www.apnlifc.pt/visoes/bernardemery.htm>>. Acesso em: 03/02/2010.

⁵ CASTRO, Ferreira. “Pequena História de A Selva”. *A Selva*. Guimarães editores: Lisboa, 1976, p.22.

⁶ SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p.105.

caboclos, negros, brancos e mestiços) trazendo à luz uma “sociedade de cuja decomposição surge o sentido da liberdade que forma novos valores”⁷.

Como aponta Antonio Candido, em pequeno depoimento intitulado “O rapaz, a selva e o mundo”, a façanha de Castro no que concerne à elaboração estética da Amazônia nas páginas do seu livro de 1930 e a superação de determinados paradigmas exóticos de romances anteriores ligados aquele espaço geográfico só foram possíveis graças à experiência decisiva ocorrida na adolescência:

A experiência de Ferreira de Castro na Amazônia foi significativa sobretudo, creio eu, por ter coincidido com o momento mais plástico da vida de cada um. A adolescência corresponde à descoberta do mundo, - e que mundo teve ele como quadro de sua formação: A Amazônia é um outro Brasil, naquele tempo mais remoto e desconhecido do que hoje. A sua sensibilidade e a sua mente, ainda verdes, absorveram e incorporaram de maneira profunda a realidade que depois haveria de elaborar sem perder a visão generosa e disponível da quadra juvenil. Por isso, pôde superar o tradicional ângulo pitoresco e a atitude de curiosidade pelo exótico, para desvendar o revoltado universo de sofrimento, de espoliação, de abandono, ignorados com freqüência pelo alheamento dos que vivem nas regiões mais devassadas do país. O seu vigoroso testemunho em *A Selva* foi um alerta, que valeu como chamada à responsabilidade. De fato, sendo de fora pela origem, mas de dentro pela vivência, ele pôde nos mostrar uma realidade de maneira que obriga a encará-la com espírito crítico e desejo de reforma em relação a alguns dos aspectos mais dramáticos do país. Ferreira de Castro foi um "homem humano", para falar como Guimarães Rosa.⁸

O Brasil deve a esse estrangeiro a revelação da Amazônia e da escravidão da borracha e, como destacou Candido, o romance possibilitou chamar “à responsabilidade” quem deveria e tocar a consciência dos que moravam em “regiões devassadas” do Brasil. Segundo Theodor Adorno, no livro *Teoria Estética* (1988), apesar de toda obra de arte aspirar à identidade consigo mesma, ela não se furta a ter uma posição determinada em relação à realidade empírica, logo:

⁷ BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro: Um Emigrante Português na Amazônia*. Oliveira de Azeméis: Edição Revista Portugal, 2001, p.14.

⁸ CANDIDO, Antonio. “O rapaz, a selva e o mundo”.

< <http://www.apnljfc.pt/visoes/antoniosouza.htm> >. Acesso em 10/02/2010.

[N]enhuma categoria privilegiada particular, nem sequer a categoria estética central da lei formal, define a essência da arte e é suficiente para o juízo acerca dos seus produtos. A arte possui determinações essenciais que contradizem o carácter definitivo do seu conceito estabelecido pela filosofia da arte.⁹

Para o teórico da Escola de Frankfurt, a tentativa de insistir num carácter “não-intencional da arte” é falha, porque a desvirtua da sua “autoconsciência inconsciente”, e é uma semelhante autoconsciência que possibilitou à crítica literária o afastamento da idéia de arte como um “ser puramente espiritual”¹⁰.

Ferreira de Castro escreveu, em prefácio de 1955 intitulado “A pequena história de *A Selva*”, que enquanto escrevia o romance, no período entre 9 de abril a 29 de novembro de 1929, ele trabalhava em dois jornais. Era diretor do magazine *Civilização* e redator de *O Século*, fora os inúmeros textos que era obrigado a escrever se quisesse sobreviver com o mínimo de decência. Além disso, não queria voltar a passar fome como ocorrera, algumas vezes, desde seu retorno a Portugal entre 1919 até 1922 quando consegue, finalmente, aos poucos, ir conquistando espaço como jornalista e ficcionista na imprensa portuguesa. Nesse período de escrita de *A Selva*, Castro morava num bairro em construção, na casa não havia luz elétrica e nem água encanada. Nessas condições, foi escrita aquela que é considerada sua obra-prima, sob a luz de um candeeiro de petróleo. Escreveu a ‘epopéia amazônica’ no tempo livre que lhe restava, das dezoito horas e trinta minutos até às vinte horas no período que aqui consta, com a interrupção de dois meses porque foi como enviado do jornal *O Século* para a França¹¹.

Trazemos esses pormenores para o nosso texto com o intuito de evidenciar as precárias condições financeiras que assolaram a vida desse escritor até a publicação de *A Selva* e ainda para ressaltar a façanha de escrever um livro aclamado pela crítica em apenas seis meses.

Ferreira de Castro conta, no prefácio já mencionado, que o primeiro manuscrito do livro começava em meio a uma greve, em Belém do Pará, e o protagonista, um operário, impelido pelo fato de estar sendo procurado pela polícia por ter lançado uma bomba durante as manifestações, recebia ajuda de

⁹ ADORNO, Theodor. W. . *Teoria Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.18.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Cf. CASTRO, op. cit., p.21-23.

companheiros e fugia para o interior da floresta amazônica. Para o escritor luso, essas cenas eram “demasiado romanescas” para a obra que ele gostaria de criar:

A personagem assim apresentada tinha ideias já formadas sobre a injusta organização do mundo em que vivia e, naturalmente, veria o mundo em que ia viver com uma atitude moral preconcebida, com um espírito apenas de confirmação, o que diminuiria, para quem não aceitasse as cores do seu horizonte, o sentimento de verdade naquilo mesmo que era verdadeiro. Preferi, portanto, uma figura evolutiva e, ao chegar ao final do segundo capítulo, rasguei tudo quanto tinha escrito – e recomecei.¹²

O recomeço da obra, que se consolidaria entre os livros mais lidos do mundo¹³, vai encontrar em Alberto, um português exilado em Espanha, o seu protagonista. Alberto se encontra fora do país por ter participado da ‘Revolta (Tomada) de Monsanto’, ocorrida em 22 de janeiro de 1919, em Lisboa. A Revolta se constituiu como uma tentativa de restituir o poder político em Portugal aos monárquicos, fazendo parte de uma série de insurreições que aconteceram no restante do país, impulsionadas pela ‘Monarquia do Norte’, sendo esta estabelecida no Porto a 19 de janeiro de 1919.

A Tomada de Monsanto foi liderada por Aires Ornelas, tendo suporte do Tenente-Coronel Álvaro Mendonça e como chefe dos cerca de setenta militares e civis monárquicos o capitão Júlio da Costa Pinto, os quais conseguiram subir ao forte de Monsanto e manter contato com os revoltosos do norte. No entanto, os republicanos, mais organizados e numerosos, conseguiram reconquistar o forte em 24 de janeiro. A Monarquia do Norte se estendeu no Porto até 13 de fevereiro de 1919. Os integrantes da revolta foram presos, demitidos e exilados¹⁴.

Alberto sai da Espanha e vem para o Brasil morar com o seu tio Macedo – um comerciante avarento que usa de jogos sub-reptícios para roubar os seringueiros que, com saldo, estavam voltando para o sertão. Macedo, português, e outros brasileiros, donos de seringais, enriqueciam com a espoliação dos

¹² Idem, p.25.

¹³ A UNESCO divulgou uma lista, em 1973, na qual *A Selva* figura entre os dez livros mais lidos do mundo. Ver Cronologia do Centro de Estudos Ferreira de Castro. <<http://www.ceferreiradecastro.org/?id=2.3>>. Acesso em 24/02/2010.

¹⁴ Cf. QUINTAS, José Manuel. *Os combates pela bandeira azul e branca*. História, nº10, Janeiro de 1999.

incansáveis trabalhadores que trocavam a “terra que matava por falta de água, pela terra que matava por ter água em excesso”¹⁵:

Era, então, o Amazonas um imã líquido na terra brasileira e para ele convergiam todas as ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com rebanhos, idos do sertão do Noroeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de ouro ao longo dos caminhos do Mundo. E como não era na brenha espessa que se encontrava, para os ligeiros de consciência, a aurífera jazida, quedavam-se os ladinos em Belém e Manaus, a traficar com o esforço mitológico dos que, entre todos os perigos, se entregavam à extração da borracha.

Fora assim que seu tio enriquecera e tinha já duas quintas em Portugal; fora assim que pobretanas sem eira nem beira se transformaram, dum instante para o outro, em donos de “casas aviadoras”, tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de “gaiolas”. (p.25)

Em Belém do Pará, Macedo tem uma hospedaria chamada ‘Flor da Amazônia’, entre os seus hóspedes está Balbino, um recrutador de mão-de-obra no sertão nordestino para trabalhar no Seringal Paraíso, cujo dono é Juca Tristão. Como haviam fugido três sertanejos do grupo reunido por Balbino, Macedo negocia com ele para levar seu sobrinho em substituição dos fugitivos. Alberto, sentindo que o tio queria livrar-se dele, aceita ir para o Seringal à margem do rio Madeira e fica responsável por pagar a dívida dos trabalhadores que debandaram.

Logo no início do romance, a voz do narrador evidenciando o pensamento de Balbino demonstra o que os empregadores, em particular Juca Tristão, esperavam dos “tabaréus receosos”: “Que diria Juca Tristão, que o tinha por esperto e exemplar, quando ele lhe aparecesse com três homens a menos no rebanho que vinha pastoreando desde Fortaleza?” (p. 19).

Percebe-se, através de Balbino, a maneira como aqueles homens, recrutados e enganados no sertão, eram vistos pelos capatazes, sendo tratados como se fossem animais, como um “rebanho” – colocando-os no coletivo para o gado, evidenciando-os como uma massa humana que age sem questionar, que é suscetível a qualquer proposta feita por estranhos para livrar-se da seca. Para João

¹⁵ CASTRO, Ferreira. *A Selva*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1960, p.177. Todas as demais citações desta obra referem-se a esta mesma edição e serão indicadas pelos números das páginas no corpo do texto.

Minhoto Marques, em seu ensaio “Representações da utopia em *A Selva*”, o funcionamento desta metáfora no romance é bastante complexo porque evidencia, como já foi dito, o ponto de vista de Balbino. Todavia, também demonstra o ‘apagamento da individualidade’ dos sertanejos. Sendo assim, Balbino é um ‘pastor’ que funciona pelo reverso, cabe a ele modificar a visão daqueles “homens que vivem tranqüilos sobre o presente”¹⁶, fazendo com que se adaptem ao jogo imposto pelo dono do seringal.

Segundo Eugênio Lisboa, *A Selva* é “o livro que resultou da experiência traumática” do seu autor, sendo assim, além de querer trazer a lume a história dos seringais, Castro precisava livrar-se do seu “trauma”, contar a sua própria história de superação do trabalho escravo. Para Lisboa, as raízes do humanismo castriano se confundem com as raízes da floresta no que tange ao sofrimento vivido por si e pelos outros na brenha:

O autor de *A Selva* e de *Emigrantes* nunca perdeu a justa fama de autor solidário com a situação dos desprotegidos desta terra. Mas a sua profunda adesão às causas nobres nascia não de um optimismo relativamente aos homens, ao mundo que os rodeia e ao futuro que os espera, mas de uma profunda compaixão pela fragilidade e vulnerabilidade que lhes é inerente e de que ele teve a revelação brutal, no mergulho que fez – e de que nunca inteiramente se curou – no coração das trevas da selva amazônica.¹⁷

Castro vê na sua literatura a possibilidade de pôr em evidência os problemas relacionados às classes trabalhadoras. Seu romance *A Selva*, antes de qualquer coisa, é expressão dessa motivação, na qual o autor busca um canal artístico para exprimir o drama de seres humanos causado tanto pelo sistema econômico – que os explora – quanto pelo político – que os ignora, além da própria natureza, que lhe é adversa.

¹⁶ Cf. MARQUES, João Minhoto. “Representações da utopia em *A Selva*”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p.211.

¹⁷ LISBOA, Eugênio. *A Selva: no coração das trevas*. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p. 86.

3.1 O ambiente

...grande árvore se desprendera e caíra, esfrangalhando a embarcação e dando morte ao desbravador. A selva virgem parecia querer assim castigar aquele que ousara violar o seu mistério.

Ferreira de Castro

Muitas são as descrições de *A Selva* em que a floresta ganha vontade própria, contornos que a fazem atingir uma grande dimensão no livro, situando-o como um romance de espaço¹⁸ dentro da classificação de Wolfgang Kayser. Para Maria Saraiva de Jesus, o autor se utiliza desse espaço geográfico e telúrico para fazer a inscrição de um espaço social na narrativa.

Como o nome do romance já indica, a selva é uma estrela de primeira grandeza, estendendo suas raízes onde quer que os outros personagens estejam. Entenda-se por selva aqui, todo o conjunto geográfico, reunindo sua imensa grandiosidade, com seus animais e rios; árvores, flores e frutos; sombras e claridades; coisas que embelezam a visão de quem as vê e coisas que amedrontam, instigando o desejo de fuga ao passante.

Dar o sentido de imensidão da floresta nas páginas ficcionais é um desejo do autor, para tanto, já na introdução do romance, ele recorre a uma sentença de Euclides da Cunha como uma das epígrafes do livro: “Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”.

Efetivamente, Ferreira de Castro escreve, talvez não a última página do Gênesis, mas a ‘primeira’ página da Amazônia tal qual ela merecia, duplamente exposta, e sem desmerecimento para nenhuma parte, tanto a geográfica quanto a humana, tanto a sua grandeza quanto a sua miséria. Essa inserção do espaço amazônico na literatura ganhou o mundo e suscitou por isso muitas comparações com outros autores, como fez Henry Poullaille, crítico e escritor francês, que atribuiu à *A Selva* a mesma “estatura que *Jude the Obscure*, de Thomas Hardy” e

¹⁸ Cf. JESUS, Maria Saraiva de. “O Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro”. In *Folhas-letas & outros ofícios*. Grupo Poético de Aveiro, nº 3, 1998.

de “*Recordações da casa dos mortos*, de Dostoievsky”¹⁹. Além disso, comparou-a ao *Inferno de Dante*, levando em consideração a escravidão dos seringueiros.

Muitas das figuras imagéticas deste livro amazônico de Ferreira de Castro são retiradas do que ficou retido em sua memória durante os quatro anos que morou na selva. Como a planta retira do solo sua seiva mineral, ficando suas raízes nas profundezas da terra, o escritor de *A Selva* retira das ramificações de sua reminiscência a seiva capaz de tornar-se em objeto ficcional e literário, sendo obtida pelo próprio sentir da experiência na brenha da floresta, no início do século XX. Apesar de toda beleza do ambiente recriado ficcionalmente, o seu romance não deixa de ser uma denúncia do Brasil arcaico, um relato do crime perpetrado contra a vida de seres humanos que eram escravizados pelos seus patrões; e como se não bastasse, ainda se tornavam vulneráveis prisioneiros da mata que os retinha em suas armadilhas naturais, transformando-os em presas fáceis e anulando qualquer esperança de sucesso para aqueles que fugissem.

Não devemos pensar, no entanto, que o fato de ser um intelectual engajado que deseja contar parte da história dos “deserdados e humilhados” do mundo, vítimas da estruturação de uma sociedade injusta, diminuísse a preocupação com a elaboração estética em Ferreira de Castro, pelo contrário, esta sempre esteve presente em seu ofício desde muito cedo, mesmo antes de escrever os livros que o consagrariam:

Havia também em mim, nesse tempo, uma inquietação estética, incerta e pesquisadora como lanterna errando em longo subterrâneo; ânsia de singularidade impelindo-me para outras direcções e impondo-me outros assuntos, que eram, na sua essência, bem mais pueris, bem mais superficiais do que este, como verifiquei depois.²⁰

Fazer uma parte da biografia dessa parcela dos trabalhadores, explorada por uma minoria detentora do capital, é o intuito do lusitano e, ao mesmo tempo,

¹⁹ CF. SILVA. Reinaldo Francisco. “A recepção anglófona de *A Selva* e de outras obras de Ferreira de Castro”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p.174.

²⁰ CASTRO, loc. cit.

um reflexo de suas ideias anarco-sindicalistas²¹. Por isso mesmo, ele não aceitava os “efeitos fáceis” utilizados por muitos autores quando iam escrever sobre selvas em seus romances de aventuras. Como explica José Paulo Paes, em seu livro *A Aventura Literária*, este tipo de romance tem “seu compromisso com um mínimo de verossimilhança [...], prefere converter o fabuloso em simplesmente exótico e transportar imaginativamente o leitor, da segurança do seu dia-a-dia, para os terrores da selva africana ou a desolação dos gelos polares”²².

Percebe-se que Ferreira de Castro queria escrever seu romance da forma mais documental possível, como ele próprio confessou. Seu objetivo nunca foi escrever um romance de aventuras, queria uma história que recriasse o drama dos homens trabalhadores da Amazônia, sem perder de vista a floresta em todo o seu mistério reciclador, sua capacidade de gerar vida onde existia podridão:

Eu pretendia fugir à regra. Pretendia realizar um livro de argumento muito simples, tão possível, tão natural, que não se sentisse o argumento.

[...]

Era então que os efeitos fáceis, que eu rejeitara sempre, voltavam a desafiar-me, simultaneamente aliciantes e sarcásticos.

[...]

Eu recusava-[os], porém, tão teimoso e firme como o mundo vegetal que, em frente de mim, metia fundo as suas raízes.²³

Indubitavelmente, a estética castriana está voltada a trabalhar com a singeleza da palavra, procurando recriar a naturalidade da fala em seus personagens, além disso, o autor se dispôs a construir ambientes – um dos pontos categóricos da sua arte – ‘cientificamente’ pesquisados na vida real com o seu perfeccionismo de criador incansável. Silas Granjo, em seu artigo “Notas para uma história Textual de *A Selva*”, expõe as inúmeras alterações feitas por Ferreira de Castro no primeiro capítulo – este foi o recorte da pesquisa – do romance *A Selva*, desde a 3ª edição de 1933 até a 24ª de 1970, com a preocupação de refazer cenas, buscar a naturalidade dos diálogos e de formas introdutórias, refazer períodos gramaticais com o intuito de “clarificação, precisão, concisão,

²¹ Ver Ricardo Antônio Alves, em seu livro *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. Lisboa: Âncora Editora, 2002.

²² PAES, Jose Paulo. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.12.

²³ CASTRO, loc. cit.

propriedade, elegância e modernização do discurso narrativo”²⁴, ainda se preocupando em melhorar “o ritmo das frases e sua fluência articulatória”²⁵, dentre outras. Castro, ainda, sempre objetivou associar a qualidade artística com a evidenciação de um determinado aspecto sombrio da sociedade.

O autor, em prefácio do seu último romance publicado em vida, *O Instinto Supremo* (1968) – e justificando porque demorou tanto a escrever um livro que prometera a Cândido Rondon e que, obrigatoriamente, o forçaria a retornar a Amazônia – confessa a sua atitude desbravadora, sempre com um olhar atento a buscar temas e lugares novos e o medo de se repetir:

É que, embora no vasto e diverso Mundo numerosos romancistas tenham edificado as suas obras, tantas delas tocadas de perenidade, num meio ambiental, terrestre ou marítimo, citadino ou províncias a dentro, em planuras e montanhas, eu sempre preferi um nôvo território literário para cada nôvo romance. Seduz-me auscultar os caminhos que ainda não trilhei, estudar as atmosferas que a minha pena ainda não captou, desvelar o que é inerente a cada terra; atraem-me as próprias dificuldades e assusta-me a eventualidade de repetições.²⁶

É, justamente, por possuir essa visão perscrutadora de lugares nunca dantes visitados por ele, que o escritor selou em seus romances, de forma paradigmática, ambientes que se tornaram antológicos nas suas páginas, como as lavouras do interior de São Paulo em *Emigrantes*, a floresta amazônica em *A Selva*, a ilha da Madeira em *Eternidade*, a Serra da Estrela e a Corvilhã em *A Lã e a Neve*, Terras de Barroso (norte de Portugal, fronteira com a Galiza) em *Terra Fria*, a Espanha em *A Curva da Estrada*, a França em *A Missão*, entre outros.

Constata-se que em *A Selva*, o escritor cria um protagonista alheio ao ambiente amazônico para que ele passe por um processo de confrontação entre suas ideias estabelecidas e o mundo novo que ele passava a conhecer. A floresta que Alberto encontra no Brasil é totalmente contrária à ideia da floresta Européia que ele conhecia ou tinha estudado na escola, constituídas por uma espécie de

²⁴ GRANJO, Silas. “Notas para uma história Textual de *A Selva*”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p. 177-191.

²⁵ Ibidem.

²⁶ CASTRO, Ferreira de. *O Instinto Supremo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968. Pórtico não-numerado.

árvore apenas e vistas como local para relaxar e redobrar as forças. Em contraste, a floresta equatorial apresenta-se como opressora no seu mutualismo: “A árvore solitária, que, na Europa, borda, melancolicamente, campos e regatos, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo” (p.111).

No capítulo IV do romance, ao sumariar as tentativas frustradas dos desbravadores da Amazônia, o narrador exhibe para seu leitor o mundo que Alberto teria que enfrentar, mas, ao mesmo tempo, põe em destaque a invasão que os homens faziam naquele ambiente natural, até então intocado pelas mãos da ‘civilização’:

Tudo era brenha e tudo era dado admitir para além do que não se via. O estranho, vindo, com sua ambição, de outro cenário, subia o mundo ignorado, entregando-lhe a vida. Não sabia sequer se poderia descer. Mas vencido o abaulado da margem, outra esteira flúvia se escortinava e se via o já visto. Era sempre a mataria, a mataria e a água em amplitudes de pasmar a quem não concebesse que nos oceanos pudessem também crescer bosques mitológicos. Luz forte, crua, veemente, só irisada à hora dos crepúsculos sangrentos, que dir-se-iam a anunciação do novo nascimento da Terra, ardia sobre tudo quanto se enxergava, dando alvas projecções às grandes e impuras toalhas líquidas. Do arvoredo marginal, levantavam-se, despertados pelo invasor, grasnos estrepitosos e asas de todas as cores que logo iniciavam remígio deslumbrante. Animais escuros, pardos, cor de mel, antas, capivaras, veados e pacas, que vinham refocilar nos taludes, sorvendo na terra o sal que os frutos lhes negavam, quedavam-se, de focinho no ar, a ver subir as canoas, ignorantes ainda da ameaça que elas representavam. (p.78)

O momento ao qual Ferreira de Castro se refere – numa intersecção entre o tempo presente de Alberto e o tempo histórico dos desbravadores portugueses –, ficcionalmente, é a incursão de Francisco de Melo Palheta, no século XVIII, sendo este o responsável por renomear o rio em cuja margem ficava o Seringal Paraíso: “Rio Cayary? Não. Rio da Morte... Rio da Madeira...” (p.78). Justamente, pelo excesso de madeiras boiando nas águas do rio, o que era um empecilho à navegação e fora a causa da morte do último aventureiro antes dele, o capitão-mor do Pará João de Barros Guerra.

O narrador vai desnudando, através do percurso de Alberto, o mundo magistral da floresta na sua essência – porque natural a si mesma – interminável

de gerar novos seres, num devir reciclador capaz de reaproveitar tudo quanto fosse possível, para o qual nada é dispensado, tudo se recicla, tudo se transforma, e os detritos da vida, como num passo de mágica, numa ânsia incompreensível para o protagonista, são os responsáveis pela manutenção e criação de existências várias: “Por vezes, também Alberto surpreendia quatro ou cinco cruzeiros rústicos apodrecendo entre erva alta, em qualquer ponto mais elevado da margem. A visão perdia-se rapidamente, abafada pela selva que avançava sobre o pequeno cemitério, a dar vida onde havia morte” (p.49) .

A atitude de pasmo de Alberto diante da natureza, que o intrigava, ajuda a reforçar a dimensão grandiloquente da floresta e, simultaneamente, a estabelecer um contraste entre o agir da natureza aparentemente irracional para o entendimento humano, mas racional à sua lógica de criação, e o agir dos seres humanos, ilógico à sua natureza, ao condenar outros da mesma espécie à escravidão, mas dentro de uma lógica coerente com um sistema que visava o lucro a qualquer custo.

Durante grande parte do romance, vê-se a mata através do olhar deslumbrado de Alberto. Além disso, estar ali não era uma opção sua, preferiria os bancos da Faculdade de Direito de Lisboa, pois não bastava ser ele exilado de Portugal, agora também o era de Belém, sendo um seu familiar o mandante.

Inexoravelmente, sem opção de fuga, anestesiado diante daquele mundo novo, distante e assustador, estando a caminho de um acampamento ainda mais longínquo chamado de “Todos-os-Santos”, para a trilha de retirada do látex onde morrera Feliciano, um seringueiro que teve a cabeça degolada por indígenas nada amistosos, o narrador revela as impressões de Alberto do espaço telúrico:

Sentia-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde era difícil encontrar um palmo que não alimentasse vida prodigiosa. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a plano secundário. O homem, simples viandante no flanco do enigma, entregava a sua vida à dominadora. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. (p.111)

Toda atmosfera opressora da selva, ganhando contornos até mesmo humanos, numa implícita comparação aos outros homens, donos e capatazes dos seringais, que escravizam seus semelhantes, vem ao encontro de uma constatação que não é difícil de ser percebida, pois fica evidente, paulatinamente, no decorrer da narrativa que toda essa monstruosidade da floresta é algo extremamente natural a ela e também inerente à visão de Alberto, estrangeiro amedrontado diante dos enigmas da majestade ambiental.

Ao passo que Alberto incorpora-se na comunidade dos seringueiros e passa a ser menos arrogante no seu eurocentrismo, a floresta perde grande parte da sua antropomorfização. A partir daí, ela parece-nos um ser de primeira grandeza, mas como se estivesse para além do bem e do mal, todo o seu poder é exposto no sentido único de produzir e manter a vida, nem que para isso seja necessário o fim de outra vida. A selva mata e dá a vida numa voracidade que dir-se-ia sem fim: os insetos que transmitem as febres e matam muitos homens, o fazem para se alimentar; as cobras que picam os seringueiros, o fazem para se proteger; as plantas se utilizam da podridão para manter-se; e assim sucessivamente.

Em contraponto à falta de juízo de valor da floresta, agindo de acordo com o seu devir reciclador, apresenta-se algo que não é nada natural: o fato de apenas um homem rico e poderoso tirar a liberdade de quatrocentos seringueiros, impondo-lhes uma outra escravidão.

3.2 O homem

Invocação

*Adormece o povoado, as bruxas sopram
as candeias dos corações:
raia agora em mim, gênio,
escreve-me estas canções.
Faz-me um bruxo dos versos
e ao fluir do meu perro dizer
leva-me ao coração desta gente,
onde a sina lhe doer.
Ensina-me a quebrar o encanto
dessa floresta espúria:
é lá que espera o som das minhas rimas
a bela adormecida fúria.*

Carlos de Oliveira

O ato de escrever contém em si significações que estão ou vão para além da escrita, não se sustentando a tese de que seja algo desprovido de sentidos

extrínsecos ao texto, isolados em seus condensamentos milimetricamente textuais. O próprio código de expressão já está devidamente marcado por uma série de significados inerentes a sua própria formação, a qual acontece no seio de uma comunidade cuja cultura está se “apropriando” durante todo o tempo de diversas redes de sentidos em construção ou a construir.

Segundo Foucault, em seu livro *Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum* (1987), a necessidade de interpretação nas culturas indoeuropéias surgiu com dois tipos de suspeitas: a primeira suspeita é que a linguagem guarda algo que não está dito literalmente, que é intrínseco a ela e ao mesmo tempo oculto, precisando ser desvendado. A segunda é que “há muitas coisas que falam e que não são linguagem”²⁷, logo os elementos da natureza e coisas diversas podem expressar-se através de formas não-verbais.

Ainda para o filósofo francês, os três autores Nietzsche, Freud e Marx²⁸, que se tornaram paradigmas da hermenêutica ocidental moderna, se depararam com a possibilidade de interpretar e propuseram uma “interpretação que se vira sempre para si própria”, ou seja, constataram que toda interpretação é uma interpretação de interpretações. Diante disso,

...a interpretação não se pode nunca acabar, isto quer simplesmente significar que não há nada a interpretar. Não há nada absolutamente primário a interpretar, porque no fundo já tudo é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos.²⁹

Em se tratando da obra de Ferreira de Castro, é inerente à própria intenção do autor que ela possua significações, que passe mensagens e que assuma até mesmo, no caso de *A Selva*, um certo didatismo. Obviamente, não se pode chegar a uma verdade interpretativa, mas a um feixe de possibilidades de leituras.

²⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*. 4. ed. - São Paulo : Principio, 1987, p.14.

²⁸ Foucault aproxima os três a partir da proposta de Nietzsche de levar a questão da interpretação ao infinito: “Isto já se observa em Marx, que não interpreta a história das relações de produção, mas interpreta uma relação que se dá já como uma interpretação, porque se oferece como natural. Inclusive Freud, não interpreta símbolos, mas interpretações.” Idem, p. 23.

²⁹ Idem, p.22.

A visão de mundo de Ferreira de Castro está ligada a toda a sua história pessoal, como também ao momento histórico vivido pelo o próprio escritor. Ligado ao Modernismo português, e brasileiro, por que não? Sua arte não foge da ideia de progresso contida no projeto ideológico da modernidade³⁰. Como explica Néstor Garcia Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas* (1998), o aspecto ‘democratizador’ da modernidade “confia na educação e na difusão da arte e dos saberes especializados para chegar a uma evolução racional e moral”³¹.

O autor de *Emigrantes* acredita que sua arte é como se fosse um espelho de lados duplos, que tanto espelha problemas crônicos da sociedade quanto sugere ou evidencia, simultaneamente, uma saída. Sendo assim, sua literatura se faz em consonância com uma mentalidade ligada ao papel que o intelectual deve desempenhar numa comunidade, isto é, a tríade – homem, artista, intelectual – representada na figura do escritor é encarada como algo indissociável. Nesse sentido, a palavra se faz arte e a arte se faz ação.

Sendo Ferreira de Castro português de nascimento, em parte brasileiro por vivência e cosmopolita por opção, tendo vivido no Brasil mais de oito anos e meio e pela importância deste país como cenário em três dos seus livros (*Emigrantes, A Selva e Instinto Supremo*), podemos considerá-lo um escritor também brasileiro, sem contar com o título de cidadão carioca conferido pela Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, em 1959. Desta forma, podemos dizer que ele antecede o "romance brasileiro de 30", tendo em vista que *Emigrantes* foi publicado em 1928, e *A Selva* em 1930, tendo ambos repercussões imediatas por aqui e a princípio gerando muita polêmica³².

Luís Bueno, em seu livro *Uma História do Romance de 30* (2006), faz uma recapitulação do boom no lançamento de romances brasileiros naquela década, mais precisamente entre os meses de julho e agosto de 1933. Segundo Bueno, na época se rotinizou a leitura, por parte da crítica, de romances novos

³⁰ Ver HABERMAS, Jürgen. “Modernidade versus pós- modernidade”. In. *Arte em Revista*, nº.7, 1983, p. 86-91.

³¹ CANCLINI, Nestor Garcia. Das utopias ao mercado. In: *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998, p.32.

³² Cf. FERREIRA, Ivone Bastos. “A primeira edição de *A Selva* ou de como se critica sem ler e se põe em causa a virtude das mulheres de Faro”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Osselá, 2007, p. 193-208.

levando-se em consideração o fato de o escritor ter aderido ou não ao chamado romance proletário. Para o crítico a definição do que seria o romance proletário, apesar de imprecisa baseava-se em “três pilares – espírito documental (especialmente voltado para a vida das camadas mais pobres), movimento de massa e sentimento de luta e revolta –” tendo, ao mesmo tempo, como “denominador comum de toda essa corrente social [...] a revelação de algum aspecto marginal – geográfico ou social – da realidade brasileira”³³.

Bueno ressalta que, na visão de alguns críticos da época – entre eles, Alberto Passos Guimarães –, a designação do que seria ‘ser proletário’ foi bem inclusiva, abarcando camponeses, mendigos e vagabundos. De um modo geral, os pobres eram vistos como tais proletários.

Ferreira de Castro e o romance *A Selva* não escaparam dessa classificação. O livro só seria publicado oficialmente no Brasil, em abril de 1935, no entanto, como o romance alcançou em Portugal um sucesso imediato com quatro edições até 1933 e uma tradução para espanhol, em 1931, é de se esperar que boa parte dos intelectuais brasileiros de esquerda³⁴ já o conhecesse. Jorge Amado escreveu um artigo para o *Boletim de Ariel* sobre o romance de Castro ainda em 1934, classificando-o como um romance proletário, mesmo nas páginas do livro não existindo sequer uma referência a fábricas ou operários: “*A Selva* é uma literatura proletária, uma literatura que se preocupa em focar a vida dos miseráveis sem piedade, mas com revolta”³⁵. Neste sentido, a partir das informações levantadas por Bueno, parece compreensível a formulação de Jorge Amado. Pode-se cogitar que Amado levava em consideração a denúncia feita por Castro da situação social dos seringueiros e o sentimento de revolta que o próprio final do romance inspira, preterindo o movimento de massa, inexistente em *A Selva*.

Talvez, *A Selva* se encaixe em alguns dos pontos levantados por Bueno em sua pesquisa, como o espírito documental; a revelação de uma situação histórico-

³³ BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Campinas: Ed. da Unicamp, 2006, p. 207.

³⁴ Consta em estudo de Ricardo Antônio Alves que um dos livros que Jorge Amado levou para ler em Ilhéus, quando da confecção de *Cacau*, foi *A Selva*. Jorge Amado ainda disse em entrevista, em 1968: “Era praticamente um menino quando li *A Selva*”. Apud. *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. Lisboa: Âncora Editora, 2002, p.95.

³⁵ AMADO Apud SANTANA, Olímpia Ribeiro. “A selva – após a ruptura com o silêncio”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p.120.

social ligada à classe trabalhadora brasileira, que poucos conheciam; e o sentimento de revolta, atingindo o seu ápice na imprevisibilidade do Negro Tiago ao atear fogo ao barracão de Juca Tristão e trancando as portas para que o proprietário-ditador morresse queimado. Por essa importância testemunhal da nossa realidade social na década de 20 e 30, o livro de Castro pode também figurar como um romance brasileiro.

Outra questão importantíssima da pesquisa de Bueno, trazida à tona através de análises de interpretações estereotipadas que diminuía o valor de vários desses romances, é aquela que aponta como alvo do Romance de 30 o seu projeto ideológico e não o estético, na esteira do célebre ensaio de João Luiz Lafetá³⁶. O crítico propõe que, na análise dessas obras, procuremos “tentar compreender qual o projeto dos romances e se na fatura esse projeto foi ou não atendido”³⁷. Isto quer dizer que o caráter de denúncia social assumido pela maior parte desses romancistas, muitos deles ligados, em proporções diferentes, ao ideário marxista e que procuraram centrar a sua arte no estudo da sociedade, tinha por base a comunicabilidade com um público mais amplo, que não se centrasse apenas na esfera letrada, chegando às classes trabalhadoras. Por assim dizer, na análise dessa literatura, o que lhe é próprio – o engajamento, a relação mais ou menos próxima com a filosofia marxista, a comunicabilidade, a necessidade de documentar situações ou fatos importantes da classe trabalhadora, etc. – não pode ser visto como o seu calcanhar de Aquiles. Além disso, cabe ressaltar, que todo projeto estético guarda em si uma face ideológica.

No que concerne a Castro, tem-se no seu projeto do romance amazônico a vontade clara de descortinar as duas faces daquele mundo brasileiro que ele próprio presenciara: a natureza, da qual tratamos no primeiro tópico deste capítulo; o homem, que enfocamos neste. Do pórtico do romance, datado de 1929, ficou-nos a maior testemunha:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, pelo muito que sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem

³⁶ LAFETÁ, João Luiz. 1930: a Crítica e o Modernismo. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

³⁷ BUENO, op.cit., p. 174.

que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que vinham a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há-de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e justiça.

A luta de cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopeia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha – da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável. (p.15)

Como podemos ler nas próprias palavras do escritor, o projeto de denúncia da exploração da mão-de-obra dos seringueiros é um dos seus eixos condutores na criação de *A Selva*, ao mesmo tempo, pode-se entrever na narrativa um desejo de mudança, de transformação daquela realidade precária e caótica. No terceiro tópico deste capítulo ver-se-á como que a escolha do protagonista com o perfil de Alberto contribuem para a concretização do projeto-testemunho de Castro.

O escritor luso-brasileiro não esconde que o desejo de transformação nascera do sofrimento pessoal, como também da constatação do sofrimento do ‘outro’. Lembremos Ivo Lucchesi, em ensaio intitulado “Os sentidos da dor e duas traições: Rousseau e Machado”, que faz um diagnóstico da *dor*. Esta, a partir de um rito de passagem, evidenciado entre a causa que a produz e de como ela se revela ao indivíduo, marca “nosso ingresso oficial no curso da existência”³⁸. Segundo o crítico, uma vez percebida a dor, é inevitável que se tenha uma reação, a qual se caracteriza de três formas: a dor que fala, a dor que cala e a dor que cria; “em qualquer dos casos, a *dor* se faz um signo com o qual se constrói o discurso, bem como, com ele, o ser molda a subjetividade”³⁹.

Interessa-nos mais aqui, refletir sobre “a dor que cria”, a qual acreditamos que Ferreira de Castro soube canalizar e produzir a sua obra que tanto quer falar do outro e com o outro, contudo sem poder fugir do fato de que falar do outro é também falar de si, de suas inquietações enquanto artista e intelectual. Para Lucchesi, “a arte se oferece como o terreno propício para a manifestação do grito

³⁸ LUCCHESI, Ivo. *Os sentidos da dor e duas traições: Rousseau e Machado*. In: *Comum*, v. 5 - nº 14. Rio de Janeiro, OHAEC, 2000, p.120.

³⁹ *Ibidem*.

sufocado. Da criação provém o ato libertário e transgressor com o qual se relêem as dores do mundo”⁴⁰. Além disso,

sob um certo aspecto, o discurso da arte ao recuperar a dor (vivida ou imaginada, pouco importa) possibilita que aquela dor aprisionada pela ausência de voz seja reatualizada como uma nova *presença*, permitindo que o receptor, por meio da provocação do objeto estético, restabeleça consigo mesmo o elo perdido do autoconhecimento.⁴¹

Por assim dizer, Ferreira de Castro tem a generosidade de dividir com seus leitores um dos aspectos mais dramáticos da vida de trabalhadores brasileiros no início do século XX: a escravidão por dívida. Esta consistia num perverso sistema de aliciamento de trabalhadores buscados no sertão do nordeste pelos ‘capatazes’ dos donos de seringais da Amazônia. Enganavam-se os sertanejos, prometendo-lhes uma melhora de vida a ser conquistada através do esforço braçal daqueles que tivessem disposição na retirada do látex. No entanto, nos seringais o que os aguardava era uma dívida interminável, já acrescentada as despesas da viagem e a exploração na venda de instrumentos de trabalho e gêneros alimentícios, cobrados muito acima do preço devido. Além disso, eram submetidos a grandes humilhações e aos perigos do trabalho realizado no meio da mata.

No romance *A Selva*, a trama se desenvolve em meio a decadência do ciclo da borracha, portanto, a ação está centrada após 1919, quando a borracha brasileira já sofria com a concorrência da produção da *hevea brasiliensis* levada pelos britânicos para algumas de suas colônias, principalmente, no sudeste asiático, sobretudo na Malásia. Se o sistema de escravidão por dívida já possuía grande vigor quando Ferreira de Castro esteve no seringal (1911-1915) e as cotações do produto ainda eram altas, imagine-se em suas cotações mais baixas:

Havia ruído o sonho que os trouxera até ali. A goma-elástica, em sucessivas desvalorizações, mal dava agora para a farinha de mandioca e o quilo de jabá que eles adquiriam ao domingo, quando vinham “aviar-se” ao barracão da margem. Mesmo aos que, após muita labuta e economia, tinham já algum

⁴⁰ Idem, p.123.

⁴¹ Idem, p.124.

saldo, ia-se-lhes tudo quanto haviam juntado, uma vez que os comestíveis forçados suplantavam em valor o que se produzia. Com dificuldade se tiravam já alguns metros de riscado, para blusa nova, ou um litro de cachaça desanuviador de tristezas, porque Juca Tristão não queria ver aumentar a dívida daqueles que a não podiam saldar. E sempre más notícias por cada navio que chegava do Pará ou de Manaus! (p.88)

Para piorar a situação, os sertanejos da ficção –ou os não-fictícios – eram proibidos de levar mulheres para o seringal, porque segundo a mentalidade de Juca Tristão isso os fazia produzir mais na esperança de voltarem para a sua terra para reencontrar mulheres e filhos. Firmino, seringueiro experiente, explicita bem o sistema traçado pelo patrão:

Depois, se um homem tem aqui a mulher, trabalha menos para o patrão. Vai caçar, vai pescar, vai tratar do mandiocal e só tira seringa para algum metro de riscado ou litro de cachaça de que precise. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sòzinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará. (p.142)

Aos trabalhadores solitários resta um consolo: a cachaça, “morfina para a vida triste do seringueiro” (p.88). Entregue ao álcool também está o negro Tiago, personagem que, quando jovem, foi escravo no Maranhão. Depois da abolição da escravidão migra para a Amazônia, no entanto, continua a ser menosprezado e tratado como se fosse um títere de Juca Tristão. Só ao patrão concedia o direito de chamar-lhe de “Estica”, pois possuía uma perna coxa, entretanto, odiava que todos os seringueiros o apelidassem como tal. Na cabeça de Tiago, Juca Tristão apoiava uma laranja que servia de alvo para os seus tiros de espingarda. Nesse ser extremamente fragilizado pelas dores vividas, “só o álcool acendia ainda aquela vida sugada por todas as vicissitudes, aquele corpo alto, escanzelado e coxo de duende negro” (p.212).

Inexoravelmente, só quem fugia àquela lógica do capital – imposta por Juca Tristão – e da esquece-sofrimentos (a cachaça), era o caboclo amazônico. Primeiro, por estar em sua terra; segundo, porque não se submetia aos mandos de outros, pois era contra os seus costumes. Ferreira de Castro revela a figura do caboclo através da personagem de Lourenço, apesar da descrição estereotipada e

um tanto racista do escritor, talvez imperceptível à época, o que se desejava era destacar mais um componente da construção humana amazônica:

A sua condição de caboclo dava-lhe privilégios ímpares em todo o seringal. Dos párias masculinos e válidos só ele não se entregava à extração da goma elástica. Era uma regalia mui antiga, que a sua raça conquistara pela indolência e falta de ambição. Para ele, o Mundo cifrava-se numa barraca, numa mulher, num arpão e numa canoa, merecendo-lhe sorrisos de piedade as legiões que vinham do Ceará, do Maranhão e até de Pernambuco, desbravar a selva virgem e sofrer as vicissitudes, todos os tormentos, pela ânsia de umas moedas a mais.

O caboclo via chegar os famintos, que se apossavam, pletóricos de força e de querença, da sua terra, não se preocupando com a sorte dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo. Mas o tempo decorria e os que, ontem, espalhavam energias, mostravam, hoje, depauperamentos; os que haviam trazido expressão de vencedores, arrastavam-se, agora, como vencidos e, por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre, centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. (p.160 -161)

Ao seringueiro, que deixava sua vida na Amazônia, restava, quando morto, a total fusão com a terra, pois a si não lhe era reservado caixão, era atirado à cova “só com a rede em que dormia”(p.225). Desta forma, se consolida a saga do retirante e seringueiro no centro da floresta viva, sendo menos vítima do ambiente natural do que do sistema de trabalho escravo que o trouxe para a mata e, meticulosamente, sugava todas as suas forças. Alguns versos de João Cabral de Melo Neto, em seu poema *Morte e Vida Severina* (1994), escrito muito tempo depois de *A Selva*, consegue fixar com perfeição a morte do retirante, que lutou por toda a vida por um pedaço de terra fértil para sobreviver, e que, não encontrando-a, será fertilizante para aquela que o acolhe no leito de morte. Indubitavelmente, esse foi o fim de muitos retirantes-seringueiros aos quais Castro dedicou o seu livro:

— Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
— Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.

— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.⁴²

3.3 Uma história Exemplar

O homem queria ser eterno como o deus que ele guardava dentro de si e era, pelo contrário, tão efêmero como os outros animais. Queria ser feliz, impelido por aquela obscura reminiscência de quando uma parte dele me pertencia a mim, sua divindade, e havia de passar milênios sobre milênios a lutar para ser feliz, sem nunca o poder ser por muito tempo. Só o era integralmente por alguns minutos e justamente quando fecundava novas dores humanas. Eu havia-o deixado tão desamparado e com tantos problemas a resolver, que a própria caverna, em vez de ser apenas um ponto de partida, foi, ao contrário, um ponto de chegada – a sua primeira conquista. O Mundo ficara imperfeito e o homem com uma ânsia de perfeição impossível. O Mundo ficara incompleto, injusto e sem finalidade visível e o homem deu-se a lutar para que o Mundo tivesse para ele tudo aquilo que o Mundo não tinha. Quando não pode lutar de outra maneira, recorre às hipóteses. São as hipóteses que o têm amparado desde que ele vive.

Ferreira de Castro

Quando Ferreira de Castro escreve *A Selva*, em 1929, o mundo passava por imensas alterações e Portugal não escapava delas. Este ano é marco histórico de uma das piores crises financeiras da história do capitalismo, sendo o ano da quebra da Bolsa de Valores de Nova York. A crise de 29 – causada, dentre outras coisas, pela especulação financeira aliada a uma grande produção e um consumo tímido, este último devido ao desemprego e aos baixos salários nos Estados Unidos – afetou todo o mundo, com exceção da União Soviética, provocando nos quatro cantos do planeta oscilações políticas e o caos social⁴³. As incertezas no campo econômico contribuíram imensamente para mudanças na esfera política de vários países:

A partir daí, grupos nacionalistas mais radicais, especialmente os da extrema-direita, passaram a utilizar a crise econômica como desculpa para

⁴² MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina: e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p.42.

⁴³ Ver MOTA, Myriam Becho e BRAIK, Patrícia Ramos. *História: das cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 475-483.

atacarem todo o sistema liberal-capitalista e para exigirem políticas ‘nacionais’ mais positivas, apoiadas por uma ditadura, se necessário.⁴⁴

No que tange a Portugal, as agitações políticas e os gargalos sociais que a Primeira República (1910) não conseguira resolver até 1926, criou um ambiente propício para o golpe de Estado de ‘28 de Maio’ do mesmo ano, liderado pelo general Gomes da Costa, instalando um governo ditatorial.

Em 1928, assume o poder o general Óscar Carmona. Como uma agravante da situação política – diante do medo de forças populares de esquerda ascenderem ao poder e da perda de privilégios –, as elites portuguesas passam a apoiar o governo militar. No mesmo ano, o professor da Universidade de Coimbra Antônio de Oliveira Salazar é convidado para assumir o Ministério das Finanças, conseguindo uma melhora significativa nas despesas do país. Com isso, populariza-se e consegue autonomia política entre os militares. Como decorrência dos seus bons resultados no Ministério, Salazar é nomeado Presidente do Conselho de Ministros, em 1932. Em 1933, consegue aprovar uma nova constituição, de cunho fascista, nacionalista e anti-socialista⁴⁵, que dá legitimidade a uma nova fase política chamada de Estado Novo e o mantêm no poder até 1968.

Se Portugal entrava numa ditadura crudelíssima, por outro lado, não se pode esquecer que, nessa altura, já haviam se consolidado os frutos da Revolução Russa, se para o bem ou para o mal é de pouca importância para este estudo. O que é realmente relevante é que a Revolução de 1917 havia plantado em muitos espíritos a esperança de que podia existir uma alternativa ao modelo dominante. Sobretudo porque a União Soviética não havia sido atingida pela crise internacional.

Muitos intelectuais portugueses não compartilhavam a ideia de ter seu país mergulhado num Estado antidemocrático. Ferreira de Castro, o autor mais importante da tradição sindicalista⁴⁶, foi uma presença constante na luta pela liberdade individual e coletiva. Testemunha disso é sua participação, como

⁴⁴ Idem. p. 478.

⁴⁵ Idem, p.488.

⁴⁶ Cf. SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar., *História da literatura portuguesa*. 17. ed. corr. e actual. - [Porto, Portugal]: Porto Editora, 1996, p.1025.

responsável pelo suplemento literário, no jornal *A Batalha* (1919-1927), anarco-sindicalista e pertencente à Confederação Geral do Trabalho (CGT), que foi dizimado pelo novo governo autoritário. Além disso, em 1928, Castro foi o presidente do Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Acerca dessa época, Óscar Lopes destacou o papel do autor de *A Selva*:

Ferreira de Castro foi sempre internacionalista, desde a altura em que em *A Batalha* se defendia, em 1919-1927, (à custa de numerosas pilhagens e assaltos, e apesar de então ser vigente a liberdade de opinião), contra a opinião prevalecente, a libertação de todos os povos coloniais, e em todos os seus livros, tanto nas novas espécies de escravidão sob forma de colonialismo, como na apologia das tradições culturais de todos os povos, a sua caneta se pôs decididamente ao lado dos oprimidos sociais.⁴⁷

Em meio a esses anos turbulentos vem a lume *A Selva*, um romance que exhibe uma face triste do Brasil que muitos portugueses não conheciam. Doravante a exposição desses aspectos trabalhistas caóticos, de um país extremamente descomprometido com a diminuição de suas enormes fendas sociais, é sintomático dizer que a narrativa castriana põe em xeque toda uma organização econômica que, no sentido micro, refere-se aos seringais brasileiros, embora numa visão macro abarque todo o sistema capitalista e suas formas de governo, que estavam sendo postas à prova. Mais do que isso, o que está colocado em jogo é um valor ligado à afirmação do indivíduo enquanto potência, muito superior a qualquer sistema econômico ou político: o valor da liberdade.

O romance amazônico com o qual este estudo se depara – para muitos considerado a epopéia do trabalho – tem como eixo norteador o acompanhamento da brutalidade do sistema de escravidão por dívida. Sendo assim, enfrentamos desde o primeiro capítulo do livro a dura realidade dos sertanejos humildes que são enganados por Balbino e acreditam na ilusão de uma vida melhor, trocando a terra marrom e seca por uma outra que se promete verde e com água em abundância.

⁴⁷ OSCAR, Lopes e MARINHO, Maria de Fátima Marinho (Direcção). *História da literatura portuguesa*. V.7, Lisboa: Alfa, 2002, p.124.

Ferreira de Castro constrói um personagem exilado, monárquico e egocêntrico, com o intuito de torná-lo não apenas uma testemunha do trabalho escravo no seringal, mas pudesse vivenciar desde o início o drama dos nordestinos, com ênfase na viagem de barco pelo rio Amazonas.

Alberto – “um rapaz alto, cabelo negro, rosto magro e olhos amortecidos, denunciando vida indolente”, (p.22), – é um protagonista que divide o centro do palco com a floresta, o seu antagonista, muitas vezes “animalizada, dotada de um poder de agressão comparado ao das suas feras, e mesmo antropomorfizada, como uma força oculta que combate o avanço dos seringueiros”⁴⁸. Estes últimos também são protagonistas na sua via crúcis perante a natureza e a outros homens, na qual o autor quer focar, com o seu conhecido humanismo, a sua capacidade criativa para revelar o mundo obscuro da extração do látex, embora tudo isso só possa ser vislumbrado através da sequência narrativa, que acompanha o segundo exílio de Alberto:

Ali tudo perdia as proporções normais. Olhos que enfiassem, pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto, que dir-se-ia haver presidido à formação daquele mundo.

A terra ia crescendo e a mata fechando-se cada vez mais. Já não se viam, como nos arredores do Marajó, os troncos das árvores a fundirem-se na vasa que as marés traziam e alimentavam, nem longos períodos de calvície, aproveitados para a indústria pastoril. Terra livre que se encontrasse, fora limpa a ferro e fogo pelo braço humano, no seu primeiro contacto com a selva dominadora. (p.76)

É através da viagem no ‘Justo Chermont’ e da estada de Alberto no seringal que o narrador vai poder revelar o que é a floresta amazônica ou o que pelo menos se percebe que ela seja; é a caminhada de Alberto naquele mundo novo que apresentará ao leitor o que a mata guarda em seu interior; o narrador utiliza-se da viagem a contragosto do protagonista para descortinar o trabalho escravo do seringal e informar que a produção de milhões de toneladas⁴⁹ de

⁴⁸ JESUS, Maria Saraiva de. O Brasil na vida e na obra de Ferreira de Castro. In *Folhas-letras & outros ofícios*. Grupo Poético de Aveiro, nº 3, 1998.

⁴⁹ Abrahim Baze indica, em seu livro *Ferreira de Castro: Um Emigrante português na Amazônia*, que no período no qual Castro viveu na Amazônia (1911-1914) a produção de borracha da região chegou a atingir o patamar de 4.024.825 toneladas, isso tudo graças ao trabalho manual dos seringueiros. Cf. op. cit., p 74-75.

borracha levava consigo milhares de vidas de seringueiros que morriam na sua extração⁵⁰.

Como lembra-nos Wander Madeira, Ferreira de Castro “como discípulo de Heródoto, [...] escreve para evitar que a história daqueles homens caia no esquecimento”⁵¹.

Vislumbramos esse mundo de espoliação através da perspectiva do narrador, que busca no espanto, nas opiniões e reflexões de Alberto, a estratégia narrativa para descortinar o mundo de escravidão da produção de borracha na Amazônia. Com efeito, ao enfatizar as reações de Alberto, em todo o seu egocentrismo, o narrador vai expondo para o leitor os mecanismos do sistema escravo, mas, antes, evidenciando que o protagonista do livro não sentia nenhuma identificação com os “brabos”, que o acompanhavam já na viagem de barco em direção ao seringal, e os menosprezava. Alberto se sentia o europeu, o privilegiado culturalmente devido a seu berço estar ligado, mesmo com certa distância, à nobreza monarquista. O lusitano culto, estudante das leis, em meio aos nordestinos analfabetos, não se aceitava como parte integrante daquela pobreza retirante; o fato de dividir o mesmo espaço da terceira classe da ‘gaiola flutuante’ não o fazia acordar para a nova realidade que se impunha na sua trajetória e, por isto, teimava em não querer se igualar aos outros, colocando-se sempre acima dos retirantes:

A sua epiderme de civilizado contraía-se sob o asco que o convés imundo lhe insuflava; o seu espírito sentia-se estranho, quase inimigo daquelas vidas que o cercavam, resignadas ao destino e alheias a tudo que não fossem imposições do corpo.

Magoava-o a facilidade com que outros recrutados se adaptavam e dormiam tranquilamente – um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta. (p.39)

Devido a sua origem, Alberto imaginava que seria beneficiado por Balbino, que iria ser bem tratado e teria uma série de regalias. O episódio da sua

⁵⁰ Humberto de Campos, em 1930, ressaltou: “A Amazônia, em cujo seio húmido repousam para sempre mais de meio milhão de nordestinos sepultados vivos...”. CAMPOS. “Um Romance Amazônico”. In: *Crítica: Segunda Série*. São Paulo: W. M. Jackson inc. editores, 1947, 1951, p.466.

⁵¹ MADEIRA, Wander da Conceição. *A Selva: viagem de descobrimento*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007, p.40.

primeira refeição no barco é revelador da sua condição também de seringueiro. Após ter relutado contra a fome e contra a evidência de que estava se alimentando da mesma comida dada aos companheiros de ‘gaiola’, ele não resiste e come:

Tinha apetite, mas não, não iria estender, perante o caldeirão fumegante, o seu miserável prato de folha. Doía-lhe a promiscuidade em que se realizava a vida no convés, a igualdade em que todos se fundiam, como se cada um não tivesse o seu temperamento, as suas predileções, a sua autonomia. (p.46)

[...]

Ali, entre aquela gente promíscua e sórdida, adaptável a todas as circunstâncias, o almoço ou o jantar, por muito bons que fossem, não lhe dariam prazer. (p.50)

[...]

Na penumbra dos corredores começaram a esboçar-se os que iam formar cortejo junto ao caldeirão fumegante onde se racionava o jantar de cada um. E ele foi também estender o seu mísero prato de folha à colheraça que o copeiro agitava... (p.51)

Essa visão de mundo de Alberto é essencial para o desenvolvimento da narrativa, pois ele é um monárquico defensor das elites, e ainda vê no sistema de castas, “que constituíam o tesouro de uma lenta evolução das famílias privilegiadas”, a única forma de se manter a estabilidade numa sociedade em que tivesse “um a mandar e todos a obedecerem” (p.41). Neste ponto, podemos fazer um questionamento sobre a criação do protagonista de *A Selva*, por que Ferreira de Castro cria um personagem com as características de Alberto, tão diversas das suas, para desenvolver uma narrativa baseada na sua própria experiência de vida? Sabemos que está além do escopo desta dissertação, ou de qualquer leitura crítica, uma assertiva cabal sobre a intencionalidade do autor, bem como o levantamento de todas as possibilidades para responder à pergunta, mas podemos transformar essa pergunta num ativador de leituras ou de hipóteses de respostas que, de nenhuma maneira, pretendem-se fechadas em suas significações.

A primeira perspectiva de resposta vamos buscá-la ao próprio escritor. Segundo Castro, como citado no início deste capítulo, se ele escolhesse um proletário para protagonizar a narrativa, este iria ver a injusta organização social apenas com um olhar de confirmação, pois ele já conhecia sua estruturação desigual. Era, portanto, necessário para o escritor criar um protagonista que não soubesse ou, melhor dizendo, que não tivesse consciência desta construção social,

pois seu olhar estava condicionado para detectar aquilo a que a classe na qual nascera o ensinou a ver, isto é, a nobreza queria apenas a manutenção das regalias que a monarquia propiciava e Alberto, como um dos seus representantes, alienado por esta formação, deveria lutar por mantê-la.

Ferreira de Castro parece querer um protagonista que, em princípio, visse a injusta sociedade como algo natural, daí criar a figura de um antidemocrático, para que o personagem vivenciasse um processo “evolutivo”, um processo de emancipação humana, que aprendesse e se transformasse no decorrer da narrativa através de suas experiências:

Sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e que o haviam atirado para o exílio. Retóricos, retóricos perniciosos! Tudo teorias sem expressão real, palavras farfalhantes, ocas e inúteis. Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que eles pretendiam restaurar o mundo. (p.40)

O processo de transformação pelo qual o personagem passará diz muito sobre a ideologia do seu criador e sobre seu engajamento político. Ferreira de Castro foi um escritor de formação anarco-sindicalista, apesar de nunca ter-se intitulado como anarquista ou comunista, percebe-se, em sua postura durante a vida, uma maior simpatia com o anarquismo, contanto que este realizasse a revolução com base na própria organização dos trabalhadores, mas nunca aderiu ao Partido Comunista Português. Castro foi leitor de Marx, sem dúvida, mas não acreditava na fase intermediária entre o socialismo e comunismo, que segundo o marxismo ficaria a cargo do partido revolucionário da classe operária, o qual seria responsável por conduzir os trabalhadores ao objetivo final da revolução, isto é, esta fase se caracterizaria pela ditadura do proletariado, sendo, portanto, um estágio antes de se atingir à sociedade igualitária, verdadeiramente comunista. Marx acreditava que o Estado poderia ser um instrumento importante na fase de transição entre os dois sistemas antagônicos.

Com a distância temporal que temos em relação à Revolução de 1917 e leituras várias sobre o assunto, sabemos que os estados socialistas, ou o que ficou

conhecido como “socialismo real”, constituíram-se em confronto com aquele que o “idealismo” de Marx previa, no qual os trabalhadores, através de um processo de socialização, deveriam tornar-se sujeitos sociais.

Verifica-se que as opiniões de Castro sobre a condução da revolução vão mais ao encontro das ideias de Proudhon e Bakunin, líderes do socialismo utópico e do anarquismo, do que das de Marx e Engels, líderes socialistas, mas isto não é algo tão simples assim, estes mesmos pensadores, em alguns momentos de seus programas revolucionários, comungaram de ideais comuns e estiveram muito próximos, como a amizade de Marx e Proudhon, depois rompida por divergências ideológicas. Não obstante, Ricardo Antonio Alves destacou a influência de outros autores na formação do escritor de *A Lã e a Neve*, por exemplo, Piotr Alexeievich Kropotkine, e analisou como esta se deu na obra de Castro, principalmente, através da mensagem libertária presente tanto na obra artística quanto na postura do cidadão⁵².

Para Castro, tanto o anarquismo quanto o socialismo, ou ainda, o comunismo, apesar de possuírem concepções e métodos diferenciados, tinham na sua essência “várias aspirações em comum”⁵³ e isto para ele era significativo.

O que se sabe é que Castro foi leitor de todos eles e desenvolveu uma concepção própria em relação à construção de uma sociedade justa e igualitária, sempre postulou que as forças de esquerda em seu país não poderiam estar separadas, deveriam estar unidas em prol da revolução e da igualdade que tanto desejavam. Justamente por suas opiniões inflexivelmente democráticas sempre teve vários amigos em todas as esferas da esquerda portuguesa.

Elaborar um personagem “alienado”, que despreza a igualdade humana, parece ter sido imprescindível para a história que desejava contar. Alberto, além de ser um antípoda do seu criador, representa, ao mesmo tempo, com a mudança ideológica pela qual passa, o próprio ideal castriano de mundo, o seu engajamento político e social. Castro como homem do seu tempo, assumiu a sua hora como intelectual e artista, como um abridor de portas se entregou a sua chance histórica

⁵² ALVES, Ricardo Antônio. *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. Lisboa: Âncora Editora, 2002, principalmente nas páginas de 114-120.

⁵³ Cf. CASTRO, Ferreira de. *Os Fragmentos*. Lisboa: Ed. Guimarães & C.ª, 1974, p.60.

de viver o presente afirmando o futuro, de ser um homem criador de homens, de ter sua literatura engajada comprometida com a formulação de uma subjetividade social, na qual os leitores serão os responsáveis, como seres reflexivos e produtores de significações, de criarem o devir do literário, num encontro recíproco e infinito de liberdades.

A demonstração de como Alberto atingirá sua emancipação dá-se pela sua desalienação através do despertar de uma consciência crítica em relação à crueldade da sociedade de classes, e a percepção de que, talvez, a melhor opção para a humanidade fosse uma formação social sem as divisões estratificadas pelo sistema capitalista. A viagem no Justo Chermont, já destacada, pode ser encarada como uma metáfora do amadurecimento de Alberto. Por isto, o escritor quer um estrangeiro e português que, estando em Belém, se juntaria aos homens chegados do nordeste e poderia vivenciar a primeira etapa do calvário na região norte do Brasil.

Podemos cogitar ainda que o escritor cria um personagem como Alberto para que ele fosse um elemento completamente estranho ao ambiente natural e humano, pois estando habituado ao mundo urbano lisboeta, por mais conhecimento que tivesse, suas opiniões eram reflexos da sua posição de classe, o que implica um choque intenso com o mundo dos seringueiros, a maioria composta por analfabetos rudes, movidos pelas necessidades imediatas, pela sobrevivência, sem uma racionalização crítica que cogitasse mudar o mundo ou deixá-lo como já estava. No entanto, o estrangeiro começa a perceber o quanto de humano jorrava daqueles seres fragilizados pela seca, pela migração, pela humilhação, e ainda, que aquela situação não era decorrente da vontade dos indivíduos, havia algo além das aparências, algo imposto pelos complexos mecanismos do sistema social e econômico que tentava anular aquelas vidas de forma a manter as suas absurdas estruturas fundadas no lucro.

O fato de Alberto ser um ex-nobre no meio dos trabalhadores pobres proporcionou um confronto com suas próprias convicções culturais, um estremecimento de suas bases filosóficas, e um conhecimento do outro a partir de experiências conjuntas. O personagem perceberia então, que a sua condição de

imigrante era igual à condição dos maranhenses e cearenses, também “imigrantes” dentro de seu próprio país.

Alberto passa a notar o regime de semiescravidão capitalista; descobre que há uma organização para sugar a mão-de-obra dos trabalhadores, sem remunerá-los por isto; e torna-se consciente do quanto as indústrias de borracha nos países industrializados e os seus usuários não se interessavam minimamente por aquelas vidas exploradas. Neste ponto, estabelece-se uma ruptura entre aquilo que sempre pregou por ideologia de classe e o que efetivamente aprendia com a vida. Agora, com a demolição da ideologia antiga, não havia mais mérito por nascimento e pouco interessava se o regime político era monárquico ou republicano. Alberto descobre o valor do humano, passando a valorizar a justiça, a igualdade e a liberdade entre todos os homens:

A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com os farrapos dramáticos que a Europa ignorava. Na Sibéria encontrava-se sinonímia para o horror e as areias do deserto haviam já florido em muitos jardins literários. Desconhecia-se, porém, o drama do Ceará, que a todos ultrapassava. (p.175)

Após a viagem de 15 dias ao lado dos retirantes, entre Belém e o seringal Paraíso, alguma coisa nas concepções do estrangeiro se modifica, o sofrimento conjunto na longa jornada contribui muito para essa mudança: “Então ele sentiu, pela primeira vez, uma vaga solidariedade com os cearenses – a solidariedade egoísta dos viajantes de comboio perante a chegada de novos passageiros.” (p.57). E, mais a frente, quando desembarcam, o protagonista já divide com os companheiros a felicidade da chegada: “Alberto, irmanado pelo mesmo nervosismo e já com relações, graças ao Felipe, confraternizava com muitos deles, agora que se ia libertar do curral flutuante” (p.83).

Provavelmente, se o escritor tivesse deixado prevalecer a perspectiva autobiográfica, visto que *A Selva* está ancorado em sua experiência, perderia a oportunidade de demonstrar seu engajamento político com o comprometimento de simbolizar, através da arte literária, a construção de um “homem novo”, de um outro ser humano, despojado de seus preconceitos, emancipado de seu

reacionarismo primeiro, e incondicionalmente solidário ao humano. No romance pode-se entrever o sonho de uma sociedade nova, perspectivada pela mudança ocorrida na consciência de seu personagem principal. Ao contrário do que disse Alexandre Pinheiro Torres, que Alberto volta promovido para o seu país e isso “poderia mascarar a injustiça que está na base do impedimento da promoção do maior número”⁵⁴, acreditamos que a opção por um personagem como Alberto se dá para ampliar a dimensão do narrado, para propiciar ao leitor uma visão do retorno do personagem a Lisboa, acima de tudo, provido de humanidade, de dignidade, de sentimento de justiça, comprometido com a luta e a implantação de uma outra sociedade possível e igualitária. A escolha de Ferreira de Castro, enfim, possibilitou um processo de denúncia social de inspiração marxista, logo, o compromisso com a coletividade se fez mais premente do que a dimensão individual inerente às narrativas autobiográficas.

Como Marx destacou, o homem é um ser social que, a partir das suas relações com o sistema capitalista, que o faz se distanciar dos interesses comuns da sua comunidade e entrar no jogo da propriedade privada e das relações de produção, ele perde sua essência ao se subordinar aos interesses do capital, em outras palavras, o homem se desumaniza. Neste sentido, a emancipação humana seria a recuperação desta essência que lhe foi roubada pelas relações sociais capitalistas, que o fazem perder seu poder sobre a natureza⁵⁵.

A transformação que acontece com Alberto no decorrer do romance está ligada à recuperação da sua própria essência humana como ser social, a qual, devido a sua origem burguesa, encontrava-se distante ou perdida.

Diante desses aspectos, *A Selva* pode ser lido como um romance de formação. Wilma Patrícia Maas, em seu livro *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura* (2000), faz um estudo genealógico da evolução do conceito do *Bildungsroman* e constata que uma definição deste gênero literário como algo acabado seria extremamente problemática, pois o seu uso envolve as contingências históricas a que está ligado, o vínculo do termo com o livro *Os anos*

⁵⁴ TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua primeira fase*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, p.28.

⁵⁵ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p 169-172.

de *Aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, e ainda o seu percurso dinâmico desde o surgimento do conceito no início do século XIX: “Isso significa que a existência do *Bildungsroman* como gênero é possível apenas se admitirmos uma contínua alteração de seus pressupostos, a qual se desenha a partir de um programa narrativo básico”⁵⁶.

Podemos dizer que o *Bildungsroman* continua a operar na história da literatura, adaptando-se de formas distintas a cada época, mas mantendo seu paradigma central de exemplaridade e, por isto mesmo, exercendo sua função social. Maas aponta que as primeiras alusões do termo já indicavam para uma concepção harmônica e gradual do desenvolvimento do homem, bem como para uma elevação moral e um caráter pedagógico, marcando este gênero literário como um meio de formação do caráter.

A autora ainda destaca que Wilhelm Dilthey amplia o conceito, criado e utilizado anteriormente por Karl Morgenstern, e integra-o ao discurso acadêmico nos estudos de literatura na Alemanha a partir de 1870. É nesta ampliação que vamos buscar uma das explicações possíveis para o caráter do protagonista em formação de *A Selva*. Para Dilthey

[...] Tais romances representam também a maneira pela qual o jovem protagonista entra em conflito com as duras realidades do mundo, amadurecendo então por meio das diferentes experiências da vida, encontrando-se a si mesmo e tornando-se consciente de sua missão sobre a terra.⁵⁷

Ao fim e ao cabo, Alberto é um personagem em aprendizagem que, gradativamente, vai encontrando na vivência compartilhada com os trabalhadores a sua grandeza humana e social. Diferentemente daquele aprendizado ao qual o protagonista se debruçava nos bancos da Universidade de Lisboa, este se aprende na vida com o sofrimento próprio e do outro, forçosamente, pelas circunstâncias adversas que lhe serão impostas. Uma aprendizagem no que concerne a se tornar

⁵⁶ MAAS, Wilma Patricia Mazardi Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p.63.

⁵⁷ APUD Idem, p.49.

mais sensível ao valor do humano frente à percepção e à análise de aspectos sombrios da humanidade.

Uma peça chave, apesar de coadjuvante, e de grande importância nesse jogo narrativo e ideológico é o personagem Firmino, um rapaz “alto, as pernas compridas e desengonçadas pelo hábito de vencerem os obstáculos da selva” (p.126). Ele é o responsável por mostrar a Alberto, espontaneamente, uma outra face dos sertanejos que até então o português não conhecia, o lado humano e solidário. É partindo de Firmino que Alberto recebe a primeira delicadeza em meio ao ambiente hostil: “Firmino teve de levá-lo por um braço...” (p.105); e muitas outras se seguem: “Você não pode mesmo ir com esses sapatos, senão os estraga todos. Vamos a ver se eu tenho uns ali.” (p.109); “Você não deve trazer o seu paletó. Vem um espinho danado, uma folha de inajá e fica com um rasgão que nem que fosse de faca.” (p.109); “Cuidado, seu Alberto, com esse espinho! Os danados pregam os sapatos nos pés e é uma dor de endoidecer para os tirar” (p.121); “Eu tenho pena de seu Alberto. O seringal não é para um homem com a sua pele” (p.123); “ Não estrague o seu terno, seu moço! É melhor vestir uma blusa minha enquanto não vou ao Igarapé-assu buscar as suas coisas” (p.125); “Olhe a cabeça, seu Alberto! Tem maribondos!” (p.188).

Além desses exemplos elencados, muitos outros se sucedem por todo o romance. Contudo, um é decisivo para a tomada de consciência de Alberto: quando Firmino abre mão do seu rifle, doando-o ao companheiro, isto é, dispensa a arma que era vista como única forma de se defender dos índios Parintintins em favorecimento da vida do amigo:

– Não pense nisso! Quando um homem tem de morrer, não serve de nada o rifle. Depois, eu me escapulia melhor dos Parintintins do que você.

– Não quero.

– Tem que querer! Me entregaram vivo seu Alberto e vivo há-de ficar enquanto eu puder.

Alberto vibrou sob impulso de beijar o invólucro rude daquela alma simples e generosa.

– Obrigado, Firmino. – E havia lágrimas na sua voz. (p.146)

Através não só de Firmino, mas da consolidação de experiências vividas e da percepção dos outros como seres humanos entregues ao mesmo sofrimento que o seu e, ainda, de um entendimento maior do drama dos sertanejos que não

estavam ali simplesmente por opção ou por falta de inteligência, como Alberto inicialmente acreditava, o estrangeiro passa a se perceber como um trabalhador igual aos outros, vítima do mesmo sistema de endividamento e coerção. Mesmo depois de ‘promovido’ para trabalhar no armazém, Alberto se mantém fiel aos companheiros da brenha que, de início, tanto detestava. Paulatinamente, no decorrer da narrativa, ele se conscientiza da necessidade de uma organização social mais justa, a ponto de ter suas ideias reviradas pelo avesso:

... É uma aspiração ainda mal definida. Um desejo que tenho de justiça universal. Sem dúvida, a Humanidade está longe ainda da elevação colectiva que eu sonho para ela. Há-de lá chegar, decerto, pela evolução. Mas isso é tão lento e a vida de cada um é tão pequena, que eu, às vezes, penso que a sede de justiça que há por toda a parte acabará por marchar à frente... (p.287)

É essa sede de justiça, de forma inesperada, que vem à tona na personagem de Tiago. O ex-escravo no maranhão e títere do patrão, não consegue se conter diante do castigo, ordenado por Juca, aos seringueiros que haviam fugido com a ajuda de Alberto. Os sertanejos foram amarrados em troncos e estavam apanhando com “peixe-boi”. Num salto de dignidade, Tiago põe fogo no barracão onde Juca morava e tranca as portas: “Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura...” (p.319); “Branco não sabe o que é liberdade como negro velho”; “Seu Juca era meu amigo; eu lhe queria muito e lhe choro a alma dele; mas não era amigo da liberdade”; “Negro é livre! O homem é livre!”. (p.320)

A reação de Tiago revela-se como uma antinomia daquele ser-fantoches, por vezes de ar mefistofélico – muito devido às gozações dos seringueiros que o apelidavam com frequência e a sua introspecção – e entregue a cachaça, duma vontade que se parecia nula no seu conformismo entorpecedor, talvez causado por tantas dores sentidas durante sua vida de escravo, deixando-se manipular de acordo com os caprichos do patrão. O grito de liberdade romperia da atitude imprevista, mas peremptória do ex-escravo. Neste sentido, lembremos Antonio Amorim: “... a obra de Ferreira de Castro reabilita a transcendência do ‘outro’, a

convicção antropológica na capacidade redentora da espécie, uma esperança indeclinável num mundo melhor onde a justiça não sacrifique a liberdade.”⁵⁸.

Percebemos que nessa narrativa imersa no “discurso vivo”, retirado da “substância viva da existência”⁵⁹ do seu escritor, reformulada e atentamente escrita no poder da sua verve, fica-nos um caráter didático, tal qual aquele que está presente na *Odisseia* no retorno de Ulisses a sua terra, pois o que se deseja é transmitir uma sabedoria, o valor do exemplo do herói para a coletividade é pedagógico. Entretanto, é necessário destacar algumas diferenças para esta aproximação.

Ulisses como herói épico é representante de uma coletividade abstrata e ideal, das glórias obtidas pelos gregos, de uma totalidade de anseios humanos que se deseja fixar⁶⁰. Alberto, pelo contrário, é o protagonista moderno e representante de um lugar social, que vai entrar em contato com uma rede de acontecimentos condicionados por uma estrutura socio-econômica e pelo ambiente físico e humano, os quais o farão passar por um amadurecimento e alterarão sua visão de mundo. Portanto, a narrativa castriana não se apresenta como o ideal clássico da *Odisseia* homérica do herói-povo, até porque ela já é romance, narrativa das vicissitudes de um personagem em transformação. Ainda assim, a narrativa de Castro está imersa no que Walter Benjamin designou, em seu famoso ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de “verdadeira natureza”, a qual está contida no conselho, ou seja, no seu valor de exemplaridade:

Ela tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.⁶¹

⁵⁸ AMORIM, *Figuras e Factos do Século*. Revista especial do Diário de Aveiro, separata do número de 16/11/2004, PP. 26-27.

⁵⁹ BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 200.

⁶⁰ Ver MORAES, Silvia D. A. de. “A Epopéia Clássica e a Renascentista”. In: *A Narrativa Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 37-46.

⁶¹ *Ibidem*.

Este senso prático, constituinte do narrador tradicional ou matricial, que segundo Benjamin resulta da união entre dois grupos de narradores, o camponês sedentário e o marinheiro viajante – o primeiro responsável por interseccionar tempos, tradições, costumes; o segundo por trazer saberes de terras distantes – na figura do artífice. Este último é o responsável por aperfeiçoar a arte de narrar, no sistema corporativo medieval, no qual “associava-se o saber das terras distantes, trazidos para a casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário”⁶².

O narrador em *A Selva* revela através do intercâmbio de experiências, proporcionadas pela viagem, amadurecimento e conscientização – do próprio escritor e de Alberto – a necessidade de transmitir sabedoria ao seu leitor. Para Benjamin a sabedoria é o “lado épico da verdade”⁶³, pois ela é resultante do ato de imergir e emergir a coisa na própria vida do narrador, como a “mão do oleiro na argila do vaso”⁶⁴.

No romance de Castro, simultaneamente, temos o narrador que aproxima aquele espaço longínquo – a Amazônia, conhecida por poucos – do mundo dos leitores, ao passo que os tempos se misturam. Durante a viagem de barco, o tempo de Alberto é interseccionado com o tempo dos portugueses desbravadores da floresta Amazônica. Entretanto Alberto não está ali com o intuito que os outros estiveram. Talvez, o seu criador queira realçar justamente essa diferença. Enquanto aqueles lá estiveram em busca de “riquezas e fama”, a mando da Coroa Portuguesa, Alberto está como exilado e na mesma condição de qualquer outro seringueiro, um sofrimento conjunto que o possibilitará a valorizar o humano.

A partir desta última constatação, a narrativa, ao passar pelo crivo do leitor, dará uma grande lição, a ideia exemplar da conquista da dignidade do trabalhador e da igualdade nas relações sociais.

O romance amazônico de Ferreira de Castro deixa-nos uma sugestão de um futuro mergulhado de esperanças, o barracão de Juca Tristão destruído pelo fogo figurando como uma conotação de um mundo velho que deve ruir, e

⁶² Idem, p.199.

⁶³ Idem, p.201.

⁶⁴ Idem, p.205.

simbolizando o mundo da utopia que ainda estava por se construir, mas que era preciso começar. Como se esperássemos uma “continuação da história que está sendo narrada”⁶⁵, vislumbramos Alberto no seu retorno a Lisboa, diante de um tribunal e em frente a Tiago, decidindo-se que jamais acusaria alguém na vida: “dedicar-se-ia ao nível, a carreira consular ou à defesa, só a defesa, se a necessidade o obrigasse a debruçar-se sobre o pego insondável dos delitos humanos”(p.321).

⁶⁵ BENJAMIN, Loc. Cit.